

Graça Rio-Torto (2007), *Caminhos de renovação lexical: fronteiras do possível*. In: Aparecida Negri Isquerdo, Ieda Maria Alves (org.), *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, vol.3. Campo Grande, São Paulo, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, Humanitas. 2007, p. 23-39.

CAMINHOS DE RENOVAÇÃO LEXICAL: FRONTEIRAS DO POSSÍVEL

Graça Rio-Torto

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

*Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada, riotorto@fl.uc.pt

O presente texto debruça-se sobre questões teóricas, metodológicas e aplicadas que a identificação de neologismos lexicais levanta. Duas questões centrais que o tratamento do fenómeno neológico coloca prendem-se com as fronteiras das fontes documentais tomadas como referência de exclusão de neologismos, e com as fronteiras impostas por cada sistema linguístico para delimitar o gramatical e lexicalmente possível e não possível.

Para a abordagem destes temas-chave da delimitação neológica, serão equacionados alguns dos condicionalismos de natureza teórica e metodológica que se colocam quando se pretende apurar até que ponto um produto lexical pode/deve ou não ser incluído no universo dos produtos neológicos. Neste âmbito, importa delimitar previamente o que é aceitável e o que é inaceitável à luz dos padrões genolexicais de uma dada língua, pelo que este é um dos requisitos *sine qua non* de uma tipologia de neónimos/neologismos lexicais.

Confrontaremos dados provenientes de fontes variadas, justamente para diversificar o universo empírico de trabalho. Assim, invocam-se dados lexicais da linguagem coloquial comum, também ela criativa, recolhidos em situações de fala espontânea, dados da comunicação social e dados da linguagem literária, recorrendo para tal a um texto — *O fio das missangas* (2004) — de Mia Couto, consagrado criador e renovador lexical de língua portuguesa:.

Quem está habituado a ler Mia Couto há muito que não estranha a presença de numerosas palavras raras e com sabor a novo, nuns casos, com travo a antigo, para quem priva com o nosso património textual mais remoto. Trata-se de palavras que nem sempre constam dos dicionários correntes nossos contemporâneos, em alguns casos muito provavelmente nunca antes produzidas, e a que a literatura de especialidade dá o nome de neologismos.

Há neologismos formais, em que a palavra apresenta uma configuração totalmente nova, como (1), e há neologia semântica, em que uma palavra plenamente atestada e dicionarizada adquire uma significação diferente da até então convencion(aliz)ada. Será o caso de (2)

(1) *ubiquitina*, tipo de proteína, objecto de descoberta recente (2005), premiada com Nobel de Bioquímica

(2) *branqueamento*, que denota no presente não tanto acção ou processo de tornar algo mais branco, mais visível, mais transparente, mais lavado, mais puro, mas actividade ilegal de ocultar, sonegar ou desviar actividades, negócios, proventos, lucros ilícitos. O mesmo se aplica a *lavagem* (de capitais).

Os neologismos de que aqui nos ocupamos são aqueles que apresentam uma estrutura interna — morfológico-sintáctica — presumivelmente até então não atestada. Digo presumivelmente, porque em rigor, dada o incomensurável universo de palavras produzidas em linguagem humana no presente e no passado, não é possível assegurar com certeza absoluta que determinada palavra nunca tenha sido produzida e/ou esteja até registada.

Um exemplo que atesta o carácter precário de qualquer juízo de neologia emitido com base na remissão a uma só fonte de exclusão é o do verbo *palavrear*. A fazer fé na informação prestada por A. Geraldo da Cunha, no seu dicionário etimológico, este verbo já estaria atestado desde o século XV. Uma análise que dispense a consulta desta fonte e que apenas se referencie a um dicionário de língua que, por um acaso, não registre tal verbo, resulta necessariamente errónea e deturpadora da realidade da língua.

Por via de regra, para apurar se uma palavra pode ou não ser marcada como neológica, toma-se por universo de exclusão um conjunto de fontes, o mais amplo possível, de um dado momento epocal.

Por razões de ordem prática, recorre-se frequentemente a um determinado dicionário, considerado de referência em função de determinados critérios, ou a vários dicionários, se possível. A existência de numerosas e abundantes bases de dados lexicais, algumas das quais disponíveis na internet, pode coadjuvar na tarefa da caracterização da palavra como neologismo ou não. Todavia, o avultado número de entradas de tais bases de dados torna quase impossível a consulta da sua totalidade, pelo que em última análise a etiquetagem de uma palavra como [\pm neológica] tem sempre por referência um dado universo de controle, é sempre indexada a um dado corpus lexical. No caso presente, tomamos como referência a versão electrónica em CD-ROM do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, doravante mencionado como Houaiss (2001). Convencionou-se que, nada sendo dito, a palavra encontra-se registada neste dicionário. Com [-Houaiss] assinala-se a não atestação.

1. Limites do lexicalmente possível

1.1. Condicionismos do sistema

Antes de avançarmos para a análise circunstanciada dos dados lexicais neológicos de Mia Couto, importa estabelecer balizas para os produtos que se podem e os que se não podem considerar estruturalmente aceitáveis dentro da língua. São aceitáveis os que estão conformes com os padrões morfológicos e sintáctico-semânticos de um dado sistema genlexical, pelo que serão gramaticalmente inaceitáveis os que violam algumas dessas condições impostas pela língua.

Essas condições

(i) podem ser categoriais, relacionadas com a classe sintáctica da base e do produto,

(ii) podem ser de natureza morfológica, atinentes aos radicais ou aos temas obrigatoriamente seleccionados por determinados sufixos,

(iii) podem ser restrições de co-ocorrência afixal, ou seja, ter a ver com as combinações inter-afixais permitidas ou inviabilizadas numa dada língua,

(iv) podem ser restrições semânticas impostas pela ou sobre a base,

(v) e podem ainda ser restrições semântico-referenciais que impendem sobre o produto, no seio dos demais produtos do mesmo paradigma genolexical.

No Quadro 1. apresentam-se os esquemas categoriais da derivação em português. Na coluna da esquerda registam-se as classes sintácticas das bases e as dos produtos (à esquerda e à direita da seta, respectivamente, sinalizando esta o sentido da derivação).

Quadro 1

Tipos de conexões sintácticas na derivação em português		
Classe sintáctica Base → Produto	Relação heterocategorial	Relação isocategorial
1. V → A	adjectivalização deverbal	
2. V → N	nominalização deverbal	
3. V → V		verbalização deverbal
4. N → A	adjectivalização denominal	
5. N → V	verbalização denominal	
6. N → N		nominalização denominal
7. A → N	nominalização deadjectival	
8. A → V	verbalização deadjectival	
9. A → A		adjectivalização deadjectival
10. A → Adv	adverbialização deadjectival	

No Quadro 2 apresentam-se as classes morfológicas das bases mais tipicamente associadas a cada processo derivacional. Pela observação do quadro verifica-se que apenas a sufixação deverbal opera com radicais e com temas, sendo que nos demais casos de derivação é o radical a classe morfológica de base mais seleccionada.

Quadro 2

Processo Morfológico	Classe Morfológica da Base	
	Tema	Radical
Sufixação deverbal	+	+
Sufixação deadjectival		+
Sufixação denominal		+
Adverbialização	+	+

No quadro 3 exemplificam-se, através de produtos do léxico comum, as diferentes modalidades de combinação entre classes morfológicas de base e os diversos processos derivacionais: derivação deverbal (1., 2., 3.), derivação deadjectival (4., 5., 6.) e derivação denominal (7., 8., 9.). Os dados apresentados no Quadro 3 evidenciam a prevalência dos radicais, e em particular dos não autónomos, face às demais classes morfológicas de base: os temas só são activados na derivação deverbal e na formação adverbial, e os radicais autónomos são muito menos numerosos que os radicais presos.

Para não sobrecarregar o quadro, não se apresentam de forma dissecada a estrutura dos temas e dos radicais, sendo que o tema é constituído por radical e constituinte temático

([[[*louv*]radical verbal *a*]tema verbal *vel*]], [*rustic*]radical adjectival *a*]tema adjectival *mente*]]]). O radical pode ser autónomo, coincidindo formalmente com uma palavra (*cortês, familiar, israel, hotel*), ou ser não autónomo, funcionando portanto como forma presa (coluna B.).

Quadro 3

Classes sintáticas Base—> Produto	A. Classe morfológica de base: Tema	B. Classe morfológica de base Radical [-autónomo]	C. Classe morfológica de base: Radical +autónomo]
1. V —> A	louvaável tentador/a	aldrabão chupista executivo/a	
2. V —> N	planificação rendição cromagem entendimento	aldrabice facilitismo tropeção	
3. V —> V		saltar escrever ferver mordiscar adocicar	
4. A —> Adv	<i>amorosamente</i> <i>boamente</i> <i>rusticamente</i> <i>sabiamente</i>		<i>cortesmente</i> <i>familiarmente</i> <i>inglesmente</i> <i>liberalmente</i>
5. A —> V		<i>amadurecer empalidecer esclarecer</i> <i>estontear suavizar estupidificar</i> <i>falsear fraquejar</i>	
6. A —> N		<i>comicidade anonimato delicadeza frescura</i> <i>voluntariado cegueira garridice</i> <i>vermelhidão autonomia casticismo</i> <i>negrume obesidade</i>	<i>teatralidade</i> <i>familiaridade</i> <i>cortesia</i> <i>inglesismo</i>
7. N —> A		<i>autárquico barbado barulhento brioso</i> <i>campestre clubista comercial dantesco</i> <i>familiar febril intestinal medonho</i> <i>metódico nervoso oceânico parlamentar</i> <i>partidário policial simiesco sortudo</i> <i>algarvio brasileiro cearense chileno</i> <i>uropeu francês genovês judaico lisboeta</i> <i>londrino minhoto paulista paulistano</i>	<i>israelita</i> <i>cristalino</i> <i>senhoril</i> <i>solarengo</i> <i>azarado</i> <i>hoteleiro</i>
8. N —> V		<i>cabecear gotejar encolerizar enraivecer</i> <i>espernear escandalizar exemplificar</i>	<i>aterrorizar</i> <i>ruborescer</i>
9. N —> N		<i>canelada chicotada cotovelada dentada</i> <i>facada</i> <i>patada pedrada paulada punhalada</i> <i>sapatada</i> <i>criadagem criança casario livraria</i> <i>papelada pedraria penugem vasilhame</i> <i>passarada vacada folhagem vinhedo</i>	

1.2. Análise de dados

À luz dos dados apresentados, observemos alguns exemplos de produtos gramaticalmente aceitáveis do português, e de outros que serão inaceitáveis.

No âmbito da formação de nomes agentivos ou de sujeito deverbais, competem dois sufixos, *-nte* e *-dor*, sem que pareça haver condicionalismos de natureza específica que impendam sobre a selecção de um ou de outro.

Assim, nada impede que ao lado da forma mais canónica, portadora de um dos sufixos, possa aparecer a sua dupla, portadora do outro sufixo até então menos ou não utilizado.

Os exemplos (3-6) ilustram esta possibilidade.

(3) *arrumante*, por *arrumador*

(4) *limpante*, por *limpador*

(5) *emigrador*, por *emigrante*

(6) *comerciadador*, por *comerciante*

O mesmo se passa em relação a nomes deverbais que denotam evento, acção, processo, actividade, estado relacionado com o que a base verbal significa.

(7) *imitamento* por *imitação*

(8) *assanhamento* e *assanhação*

A restrição de compatibilidade morfológico-sufixal que existe entre o sufixo verbalizador *-iz-* e o nominalizador *-mento*, inviabiliza (9) *fragilizamento*, já que o sufixo tipicamente compatível com *-iz-* é *-ção* (*fragilização*, *vitimização*), e não *-mento*.

(9) **fragilizamento*

A coexistência de dois padrões de formação de uma mesma classe semântica de produtos pode também autorizar a coexistência de produtos isofuncionais mas gerados por paradigmas derivacionais diferentes (10-13):

(10) *troçador* (deverbal) e *trocista* (denominal)

(11) *cozinhadador* (deverbal) e *cozinheiro* (denominal)

(12) *farsante* (deverbal) e *farsista* (denominal)

(13) *limpação* ou *limpamento* (deverbais) e *limpeza* (deadjectival)

Na formação de adjectivos denominais um dos sufixos disponíveis é *-os-* (*cauteloso*, *rigoroso*). Um adjectivo como *estiloso*, claramente denominal, será pois gramaticalmente aceitável; já *altoso* ‘muito alto’ só com uma interpretação substantiva do adjectivo *alto* é aceitável.

Inaceitável, à luz dos padrões derivacionais constantes do Quadro 3 serão

(14) **brancação*, porquanto o sufixo *-ção* selecciona radicais verbais, e na base de **brançação* estaria o radical adjectival *branc-*.

(15) *radarmente*, juma vez que o sufixo adverbializador selecciona bases adjectivas (*larvarmente*, *literariamente*, *literatamente*), e não substantivas.

Observemos agora três neologismos recentes, bem construídos, e recolhidos em situações diversas não literárias.

(16) *museal*: em texto-carta recente (11.10.2005), proveniente da Fundação Calouste Gulbenkian, mais propriamente do seu conceituado Centro de Arte Moderna, regista-se

«experiência museal», ou seja, referente aos seus museus. O sufixo seleccionado foi *-al*, certamente por ser um dos menos marcados semanticamente e um dos menos condicionados quanto às suas combinatórias. Este adjectivo encontra-se já registado no CETEM.Público, disponível em linha, mas não figura no Houaiss (2001)

(17) *pianizandas*: foi registado em 10.5.2005, a uma aluna de piano com nove anos de idade, «as pianizandas do Prof. [] vão dar um recital no fim do trimestre escolar»: trata-se de um nome que, tal como *educanda/os* ou *doutoranda/os*, é cabalmente aceitável à luz do paradigma de formação de deverbais em *-ndo*. Não se encontra registado nas fontes compulsadas.

(18) *neteracia*: «taxas de literacia, numeracia e neteracia» (registado em 21.5.2005 a docente universitário português de cinquenta anos de idade): o paralelismo com *litera-* e com *numero/a-* é perfeitamente extensível a *net* (por *internet*), tornando a palavra um instrumento de denominação absolutamente correcto e de extrema utilidade metaconceptual. Não encontrei registo deste nome nas várias fontes documentais consultadas em linha na *Linguatca*, nem tão pouco no Houaiss (2001), que também não inclui ainda *literacia* e *numeracia*.

1.3. Representatividade dos mecanismos neológicos

Por fim, algumas palavras a respeito dos mecanismos neológicos mais representados no português.

Para o estado da questão relativamente ao português do Brasil, remete-se o leitor para os trabalhos de referência da autoria de Ieda Alves (1990, 1996, 2001) e da equipa que coordena, e bem assim para os artigos sobre a matéria compilados no volume 1 de *As ciências do Léxico*, na sua segunda edição.

Os estudos sobre neologia no português europeu contemporâneo (Freitas, 2004) apontam para uma clara prevalência de nomes, rondando os 70%, como classe preferencial de produção neológica, já que os adjectivos ocupam cerca de 23 % do total de produtos neológicos, e os verbos apenas 3% (19)

(19) Classes categoriais de produtos neológicos no português europeu:

nomes: 69%

adjectivos: 23%

verbos: 3%

Também a importação lexical e a composição, pelo menos na linguagem da comunicação social (20), ocupam os lugares cimeiros de renovação do léxico, com 27% e 26% respectivamente, sendo de 22% o espaço preenchido pela derivação.

(20) Processos de neologia no português europeu contemporâneo

Importação lexical: 27%

Composição: 26%

Derivação: 22%

Não coincidem com estes os dados da produção neológica literária de Mia Couto, nem no que diz respeito às classes categoriais de produtos neológicos, nem no que diz respeito aos

processos de neologia activados, o que leva a ponderar sobre a especificidade de cada universo neológico. Sectores semântico-referenciais diversos, com necessidades denominativas diferentes, naturalmente recorrem a processos e a mecanismos genolexicais diversos, podendo assim diferenciar-se as tendências dominantes nas linguagens de especialidade, no léxico da comunicação coloquial, da comunicação social, ou da comunicação literária.

2. Criação lexical em Mia Couto

Tecidas estas considerações, debruçemo-nos sobre os caminhos de renovação lexical patentes em *O fio das missangas* (2004) de Mia Couto.

As palavras de que nos vamos ocupar não se encontram arquivadas não apenas em dicionários contemporâneos, como sobretudo, estou em crer, na memória lexical dos falantes comuns de português que ainda não tenham lido o livro.

Trata-se de palavras na maior parte dos casos de desmontagem e de interpretação relativamente fácil, para um falante medianamente culto, e eventualmente já mentadas ou produzidas por falantes com especiais capacidades criativas de âmbito lexical — e não me refiro apenas aos criadores literários.

Porém, dada a sua originalidade e o seu grau de novidade para a maior parte dos falantes mesmo que escolarizados (com escolaridade média e obrigatória de doze-treze anos, para usar o padrão europeu), não é provável que uma vez ouvidas ou lidas, e armazenadas em memória lexical, estas palavras venham a ser activadas recorrentemente, como se de palavras comuns se tratasse. A sua singularidade a tal causa obstáculo.

E todavia as palavras em causa são de estrutura morfológica e semântica perfeitamente conformes com os padrões derivacionais da língua, de interpretação muito acessível, como vamos observar.

No conjunto das palavras em análise, destacam-se dois grupos: o das que estão em absoluta conformidade com os esquemas genolexicais da língua, não os desrespeitando em nenhuma das suas sub-especificações; e um outro que integra palavras compagináveis com os padrões lexicias do português, mas que num caso ou noutro derrogam ou violam algumas das suas propriedades de selecção ou de subcategorização até então dominantes. Apenas neste caso se pode falar em deriva (de paradigma) genolexical. No primeiro caso não há alterações de padrões genolexicais, mas reinvenção e renovação lexicais.

2.1. Formação de nomes

Para a formação de **nomes de indivíduo** definido pela actividade ou pela função, o autor recorre aos dois esquemas derivacionais disponíveis: o deverbal, activando para tal aos sufixos *-dor* e *-nte* e o denominal, usando *-ista*.

(21) *choradores* (FM: 111): associação de choradores [-Houaiss]

(22) a *receitista* (FM: 12) [-Houaiss]

(23) os *baristas* (FM: 110) ‘frequentadores de bar’ [-Houaiss]

Em relação a *dormente*, Mia Couto utiliza-o como nome — «lá na cidade o dormente vai para o sono todo vestido» (FM: 128), sendo que na língua comum do português europeu é essencialmente como adjectivo que é usado, equivalendo a ‘entorpecido’ (braço/perna dormente). O Houaiss regista-o como substantivo e adjectivo, equivalendo a ‘que ou quem dorme muito’.

Para a formação de **nomes de evento** (acção, processo, actividade) e/ou de estado deverbais Mia Couto revela uma frequente opção, nesta como em outras obras (Rio-Torto, no prelo), por recursos derivacionais menos produtivos e com travo de arcaicidade, como *-ncia*, em detrimento dos mais representados, como *-ção* ou *-mento*. São exemplo *desvalência*, *entrância* e *sufrência*, do radical de *desvaler*, *entrar* e *sofrer*, sendo que no léxico comum dispomos de *entrada* e de *sofrimento*. Quanto a *entrância*, está registado no Houaiss com significações diferentes (‘facto ou condição de ser entrante, de ingressar; o princípio, o começo_’) da que lhe atribui Mia Couto

(24) *desvalência* (FM: 65) («quis ofuscar-me do mundo, em desvalência») [-Houaiss]

(25) *entrância* (FM: 72) («somos feitos assim, de espaçadas costelas, entremea-das de vãos e entrâncias»)

(26) *sufrência* (FM: 73) [-Houaiss]

2.2. Formação de adjectivos

No que à formação de adjectivos diz respeito, o autor utiliza o sufixo *-oso*, acoplando-o a radicais nominais (27), e também a radicais verbais (28), situação que, não sendo a mais prototípica, não é interdita pela língua (cf. *fungoso*).

(27) *prosapioso* (FM: 80): estar prosapioso [-Houaiss]

(28) *arrastoso* (FM: 120) ‘que (se) arrasta’ [-Houaiss]

Já *avistosa* (FM: 87) [-Houaiss], aplicado a «praça avistosa de todos», pode ser interpretável como deverbais, de *avistar*, significando ‘avistável’, mas também *vistosa*, adjectivo de resto não inocentemente incorporado no produto, e ainda ter por base a expressão *à vista*, equivalendo a *visível*.

Por seu turno, *devagarosa* (FM: 68) [-Houaiss], se entendido como adjectivo, ao ter por base um advérbio, entra em ruptura com os esquemas canónicos de construção de adjectivos heterocategoriais, tipicamente denominais. Sublinhe-se, contudo, que a base contém o nome *vagar*, e que no contexto em que ocorre («Acabado o banho, ela o enxugava, devagarosa como se o tempo passasse por suas mãos e ela o retivesse nas dobras da toalha») é admissível uma leitura adverbial, equivalente a *devagarosamente*. A mestria do autor está em deixar em aberto mais do que uma leitura categorial e genolexical do produto, potenciando assim a sua amplitude interpretativa.

2.3. Formação de verbos

Uma zona de criação neológica amplamente explorada por Mia Couto é a de formação de verbos heterocategoriais, sejam denominais ou deadjectivais. Nesta obra, como em outras do autor, trata-se de um conjunto substancialmente mais representado que o de outros sectores

derivacionais, pelo que se comprova a discrepância assinalada em 1.3. entre as classes de prevalência neológica na linguagem comum ou na da comunicação social e na linguagem literária deste autor.

Na maior parte dos casos os verbos denominais são formados sem recurso a nenhum sufixo específico, verificando-se a conversão do radical nominal em verbal, com concomitante activação da vogal temática -a- da primeira conjugação, quase sistematicamente a seleccionada. A excepção é representada por *brumecer* (FM: 13), em ‘coração brumecido’. Em alguns casos os verbos substituem expressões com verbo suporte, ou equivalente (*ruidar-se* por *fazer ruído*, *anedotar* por *contar anedota*, *incidentar-se* por *ocorrer um incidente*, *urgenciar-se* por *sair de urgência*, *lenhar*, por *transformar em lenha*, *raivar-se* por *entrar em raiva*, *estar com raiva*).

Pelos exemplos que se seguem, todos [-Houaiss], pode observar-se que não existem restrições de natureza argumental ou eventiva à criação de tais verbos, do mesmo modo que os nomes que eles incorporam também não apresentam limitações de natureza temática, conceptual, ou ontológica.

(29) *anedotar* (FM: 109): os homens anedotavam

(30) *anfitreou* (FM: 63): o presidente pouco nos anfitreou

(31) *aspectuar-se* (FM: 91): o engenheiro marchava mais que aspectuado, todo enfeitado de si

(32) *barrigar* (FM: 32): mal se barrigou nas águas do rio, a barça foi engolida nas funduras

(33) *criançar-se* (FM: 115): o menino se criançava

(34) *incidentar-se* (FM: 138): nessa manhã, incidentou-se o seguinte: as peças tinham mudado de posição

(35) *lençolar-se* (FM: 122): dormi com o relento, lençolei-me com o infinito da estrela

(36) *linguar* (FM: 65): um impulso irresistível me fez linguar aquela réstia de doce

(37) *meninar* (FM: 115): ele que fosse meninando, distraído nos brincados

(38) *urgenciar-se* (FM: 129): me urgencieei, aflito, pelas ruas no encalço dela

Os verbos distribuem-se pelas seguintes classes semânticas (Rio-Torto, 2004), em grande parte condicionadas pela semântica das respectivas bases:

. verbos performativos, parafraseáveis por "fazer/produzir, causar", em que a base representa o objecto ou o produto efectuado, o estado causado (*anedotar*, *incidentar-se*)

. verbos instrumentais, parafraseáveis por "actuar com Xb", "utilizar como instrumental", em que a base denota instrumento/meio (*lençolar-se*, *linguar*)

. verbos essivos, similitivos ou modais, parafraseáveis por "agir/actuar como", "assumir-se como", "fazer como", "transformar-se em", em que a base representa o termo comparativo, a propriedade de referência e/ou resultativa (*anfitrear*, *criançar*, *meninar*)

Como em relação a muitos outros verbos, também alguns dos criados por Mia Couto resistem a uma classificação e a uma interpretação unívocas. Um verbo como (39), não se revê na descrição facultada pelo Houaiss (‘bater os cascos, fazendo barulho, ao marchar (a cavalgadura)’), pelo que no contexto coutiano é um verbo essivo-similitivo, equivalendo a ‘agir/comportar-se como quadrúpede’.

(39) *quadrupedar-se* (FM: 102): caía-lhe o aparelho da surdez e ele passava o resto do tempo de gatas, procurando o salvador instrumento_ Para tão pouco voo, tanto quadrupedar-se pelo chão!

Os verbos deadjectivais recolhidos apresentam sentido resultativo, significando "transformar em", "tornar(-se) (em)", "manifestar propriedades típicas de", como *aduncar-se* (FM: 14): onde quer que o jovem vagueasse, o velho pai se aduncava, em pouso rapineiro, *transparentar* (FM: 14): Evelina transparentou o vestido, *verticalizar* (FM: 110): verticaliza, homem!. Acontece, porém, que não se trata de neologismos, pois já se encontram registados pelo Houaiss.

Diferente é o caso (40), pois a base *súbito* pode ser categorizada como adjectivo (*uma morte súbita*) ou como nome de sintagma adverbial (*aparecer de súbito* ou *subitar*), pelo que uma vez mais ficam em aberto mais do que uma possibilidade interpretativa, que enriquece o produto assim colocado na fronteira entre diferentes classes categoriais de base.

(40) *subitar-se* (FM: 121) [-Houaiss]: «o leopardo subitou-se entre os ramos das árvores»

2.4. Cruzamento

Outro processo ampla e frutificamente explorado por Mia Couto é o do cruzamento ou *blendig* que, consiste na intersecção de duas unidades lexicais, com supressão de alguns dos seus segmentos constituintes, normalmente os que se apresentam contíguos na zona medial do novo produto.

No quadro que se segue apresentam-se na coluna da direita as unidades lexicais em jogo em cada caso de cruzamento.

(41) <i>atrapalhaço</i> (FM: 63): perguntou meu pai, todo atrapalhaço	atrapalhado x palhaço
(42) <i>choraminguado</i> (FM: 110)	choraminguado x minguido
(43) <i>liquedefazer</i> em tremuras (FM: 121)	liquefazer x desfazer
(44) <i>crystalindas</i> (FM: 13)	crystalinas x lindas
(45) <i>contrabandoleiro</i> (FM: 121)	contrabando x bandoleiro
(46) <i>homosensuais</i> (FM: 61): coisa de homosensuais	homossexuais x sensuais
(47) <i>salitonto</i> (FM: 108): o cão, salitonto, me lambuzou	saltitar x tonto
(48) <i>rectilinda</i> , (FM: 88): passaram-se meses e a moça mantinha-se magra, rectilinda	rectilínea x linda

Todos os produtos (41-48) são [-Houaiss], o que não é de estranhar, dada o carácter fortemente inovador e inventivo por que são marcados. De estranhar é que este dicionário não registe produtos tão comuns como *nim* (não x sim) ou *diciopédia* (dicionário x enciclopédia), já largamente difundidos à época da sua elaboração.

3. Conclusões

A análise da criação neológica de uma língua envolve a resolução de problemas de natureza teórica e aplicada, atinentes ao quadro de possibilidades que os sistemas genolexicais das línguas viabilizam e obstaculizam, permitindo delimitar as fronteiras do possível e aceitável do léxico-gramaticalmente inaceitável, e problemas de natureza metodológica, atinentes às opções tomadas em matéria de corpus de exclusão.

Uma das implicações mais relevantes em termos de teoria lexical tem a ver com a possibilidade de os neologismos procedentes de diferentes tipos de linguagem recobrirem processos e classes genolexicais diferentes, revelando assim a consubstancial diversidade que alimenta a forte coesão interna do léxico.

Um exemplo ilustrativo dessa diversidade não incluído nas grandes classes genolexicais aqui analisadas, é o de *zé-alguém* (FM: 79, 121), expoente da criatividade contrastivo-substitutiva indexada a *zé-ninguém*, singelo no modo como é criado, e todavia tão modelar no forte simbolismo que encerra no vasto mapa da lusofonia.

Referências

- ALVES, I. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo, Ática, 1990.
- O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. In: ALFA, vol. 40, 1996, p. 11-16.
- Neologia e tecnolectos. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo (orgs.), *As Ciências do Léxico*. 2ª edição. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001, p. 25-31.
- CUNHA, A. G. da *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. 16ª impressão, revista e acrescida. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997.
- FREITAS, T. et al. Os neologismos nos meios de comunicação social portugueses. In: *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3 de Outubro de 2003). Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 2004, p. 443-454.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de e A. N. ISQUERDO (orgs.), *As Ciências do Léxico*. 2ª edição. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001.
- RIO-TORTO, G. Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral. In: G. Rio-Torto, *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora, 1998, p. 109-132.
- Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais. In: Graça Rio-Torto (coord.), *Verbos e nomes em português*. Coimbra, Livraria Almedina, 2004, p. 17-89.
- Verbes néologiques en portugais: les choix de Mia Couto. In: *Volume d'hommage à Danielle Corbin* (no prelo).

Fontes:

- COUTO, Mia *O fio das missangas*. Lisboa, Editora Caminho, 2004.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- HOUAISS, A. e M. de S. V. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

